Resenha bibliográfica

Leselbaum, Nelly & Hassenforder, Jean. *Éducation et Développement*, Paris, *142* (a): 31-8, sep./oct. 1980.

A avaliação do ensino se reduz usualmente à apreciação apenas das atividades exercidas na própria escola, como se não fosse ela uma dentre muitas instituições sociais.

Esta lacuna deu lugar a uma série de pesquisas realizadas em vários educandários, focalizando sobretudo as ligações entre o ensino e a natureza dos lazeres a que se dedicam os alunos.

Que importância deve ser atribuída à cultura extra-escolar? Que influências exerce ela sobre a cultura especificamente acadêmica?

Segundo o tipo e o grau da escola, o nível social dos alunos e os interesses específicos dos próprios professores, várias pesquisas sobre o assunto foram conduzidas sob formas bastante diversas. Algumas se limitaram a excursões dos alunos (acompanhados pelos professores) para visitas a museus, monumentos, exposições artísticas etc., de que resultavam trabalhos extracurriculares, como jogos teatrais, pequenas construções, desenhos de painéis e atividades análogas. Outras foram objeto de atividades de gênero mais tradicional, como, por exemplo, a exigência de redações referentes aos problemas do lazer. Houve também a organização, pelos professores, de questionários sobre as atividades de lazer dos educandos e sobre a importância que eles atribuíam a tais atividades.

Em diversos casos, o problema do lazer deu lugar a debates em classe, com o fim principal de tornar os alunos conscientes das uniformidades (ou diversidades) do tempo empregado no lazer e o de fazê-los exprimir as motivações profundas que os levavam a esta ou a aquela escolha.

Enfim, em certas classes, os professores encarregavam os próprios alunos de elaborar questionários sobre o problema para contornar deste modo certas dificuldades que encontravam na sua prática.

Por outro lado, observaram-se modificações nos próprios professores, que foram levados a avaliar alguns dos trabalhos já descritos pela apreciação de atitudes, não somente baseadas em termos puramente cognitivos, como também afetivos. Buscaram saber a respeito do prazer que os alunos tinham tido com os diversos tipos de excursões e se tinham continuado a praticá-las. Em certas escolas foram tentadas comparações entre os resultados deste novo tipo de pedagogia com os da pedagogia considerada tradicional.

Seria muito longo resumir as múltiplas questões abordadas no artigo, embora algumas se refiram a problemas de bastante interesse.

Entre as conclusões apresentadas pelo autor, indica-se que, não obstante certas dificuldades contornáveis, são numerosas as pessoas que advogam uma ligação mais estreita entre os deveres tradicionalmente escolares e uma tendência cultural mais ampla, relacionando a escola com a vida cotidiana, nesta incluindo as atividades de lazer.

É também recomendado que sejam prosseguidas outras investigações referentes aos mesmos temas.

Nota: por motivos financeiros, *Éducation et Développement*, uma das melhores revistas francesas sobre o assunto, viu-se forçada a terminar sua publicação com o número 142, que contém o artigo aqui resumido em suas linhas gerais.

Octavio Martins

Rodrigues, Aroldo. Experimentação em psicologia social: aspectos epistemológicos e metodológicos. *Arq. Bras. Psic.*, Rio de Janeiro, *32* (4): 3-12, out./dez. 1980.

Na introdução, o autor salienta o papel de W. Wundt, criador da psicologia experimental, bem como seus trabalhos no campo da filosofia, passando então a considerar o tema central do trabalho. Lembrando que atualmente os fenômenos psicossociais são, na quase totalidade das investigações, realizados pelo método experimental, refuta as objeções feitas (sobretudo de Allport, Gergen, Harré e Sacord) contra o emprego deste método no campo da psicologia social.

Já tendo estudado os aspectos éticos do problema num livro referido na bibliografia, o autor aborda no artigo apenas seus aspectos epistemológicos e metodológicos.

Afirma ele que a experimentação em psicologia social consiste meramente em determinar as relações de antecedente e conseqüente existentes entre variáveis independentes e as dependentes, no que diz respeito à função das primeiras como instigadoras de comportamentos. Dado que de fato existe uma relação segundo a qual a presença da variável x induz a ocorrência da variável y, tal relação se evidenciará através da obtenção estatisticamente significativa da variância atribuível à variável x, embora a presença da variância de erro esteja evidenciando o caráter não-universal, não-determinista e não-inexorável entre a ação instigadora de x e a ocorrência do comportamento y. A capacidade de comportamentos observáveis, mínima nos seres inanimados, é bem maior entre os seres animados, sobretudo no homem. A experimentação em psicologia social não pode, pois, predizer de modo preciso o comportamento induzido pela ação das variáveis independentes. No caso, a palavra-chave não é o *determinismo*, e sim o *probabilismo*, e esta concepção livra a experimentação em psicologia social dos rótulos que os críticos lhe atribuem, quando encarada do ponto de vista epistemológico.

Passando à metodologia empregada, o autor salienta que Rosenthal apresenta críticas bastante convincentes, entre as quais as influências de fatores como sexo. idade, raça e religião do investigador, e reconhece a interferência destes e outros fatores nas investigações conduzidas por cientistas sociais, e que estes estão de fato a exigir atenção especial destes cientistas e um esforço no sentido de resumir ao máximo seu efeito distorcivo.

Entre as conclusões, o autor declara que as críticas de natureza metodológica aduzidas contra a pesquisa social são válidas e tiveram o grande mérito de suscitar vários aperfeiçoamentos metodológicos nesta modalidade de pesquisa.

Referências bibliográficas

Alport, G. W. *Becoming.* New Haven, Yale University Press, 1955.

Festinger, L. & Katz, D. *Research methods in the behavioral sciences.* New York, Holt, 1953.

Gergen, K. Social psychology as history. *Journal of Personal and Social Psychology. 26:* 309-20, 1973.

Harré, R. & Secord, P. F. *The Explanation of social behavior.* London, Blackwell, 1972.

Heisenberg, W. *Physics and philosophy: the revolution in modern physics.* New York, Harper & Row, 1958.

Oppenheinner, J. R. Analogy in science. *American Psychologist, 11:* 127-35, 1961.

Rodrigues, A. *Estudos em psicologia social.* Petrópolis, Vozes, 1979.

Rosenthal, R. & Rosnow, R. L. *Experimenter effects in behavioral research.* New York, Irvington, 1976.

Triplett, N. The dynamogenic factors in pacemaking competition. *American Journal of Psychology,* 9: 507-33, 1897.

Wundt, W. *Philosophisch studien.* Apud Boring, E. G. *A history of experimental psychology.* New York, Appleton-Century-Crofts, 1950.

_____. *Psicología de los pueblos.* Madrid, Daniel Jorro, 1926.

Octavio Martins